
DECADÊNCIA DOS CORPOS: ANÁLISE DO DISCURSO FÍLMICO EM “ESCOLA PENAL DE MENINAS VIOLENTADAS” (1977)¹²⁷

Tyrone Chaves Filho¹²⁸
(UESB)

Nilton Milanez¹²⁹
(UESB)

RESUMO

Nosso intuito, nesse trabalho, é analisar como, por meio da materialidade fílmica “Escola penal de meninas violentadas”, de 1977, há uma simetria, nos planos, entre aqueles que sustentam o discurso da igreja e o da polícia, produzindo, assim, efeitos de sentido de equiparação e legitimidade à punição e aos modos de subjetivação que essas instituições propugnam e como, de igual modo, é possível pensar em uma noção de *acontecimento*, partindo do princípio de que há a mobilização de discursos de outros lugares e momentos históricos.

PALAVRAS-CHAVE: Punição; Monstruosidade; Memória.

INTRODUÇÃO

Em 1977, Antônio Meliande dirige o seu primeiro filme intitulado “Escola penal de meninas violentadas”, cujo enredo gira em torno das vivências, sob torturas, de algumas garotas no interior de uma instituição punitiva para moças que cometeram algum tipo de

¹²⁷ Trabalho realizado no quadro de estudos do projeto de extensão “Materialidades do corpo e do Horror”, no Labedisco, sob a orientação e coordenação do professor Dr. Nilton Milanez.

¹²⁸ Graduando em Letra Vernáculas pela UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Integrante do Labedisco – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo.

¹²⁹ Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, no Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade e Programa de Pós-Graduação em Linguística. Coordenador do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo/UESB, no qual desenvolve o Projeto de Pesquisa “Materialidades do corpo e do horror” e o Projeto de Extensão “Análise do discurso: discurso fílmico, corpo e horror”.

delinquência. Nesse sentido, a materialidade filmica mobiliza discursos em torno de modelos de punição e formas de submissão que são propugnados por instituições como a igreja, por exemplo. De igual modo, a sexualidade, de forma latente ou explícita, é um tema que orienta a conduta dos personagens e penetra nas decisões tomadas pelos mesmos e, com isso, vemos fluir aquilo que Foucault afirma em “O verdadeiro sexo”, que diz respeito à forma como damos vivacidade e matiz aos nossos sonhos, demandas e comportamentos por meio e em função da sexualidade. Nesse contexto, por exemplo, surgem figuras como a do monstro, considerando os postulados de Foucault (2001), que corresponde à atuação daqueles cujos procedimentos transbordam os limites sociais. Assim, pretendemos analisar por meio do enquadramento, dos planos e como a disposição dos corpos marca o sujeito dentro de um discurso, levando em consideração como a simetria, nos planos, daqueles que representam o discurso da igreja e o da polícia suscita um efeito de sentido de legitimidade e de autoridade ao governo dos corpos e, a partir disso, como a emergência de monstruosidades pode ser deflagrada.

MATERIAL E MÉTODOS

O método empregado consiste em analisar o material por meio dos planos, do enquadramento e, a partir deles, como o corpo do sujeito está marcando uma produção discursiva. Como nosso *corpus* é uma materialidade filmica e, de igual modo, trabalhamos com o exame de imagens em movimento, nossa metodologia gira em torno da observação das sequências dos planos, dos enquadramentos e, a partir dos encadeamentos dos mesmos, descrever como efeitos de sentidos, redes de discurso e estratégias são suscitados e concorrentes para aquilo que sustentamos na nossa proposta, que é realizar uma sondagem – tendo como material o filme “Escola penal de meninas violentadas”, de

Antônio Meliande – das práticas de domesticação dos corpos, por meio de instituições como a igreja, e suas ligações com outras emergências discursivas. A partir dos postulados de Michel Foucault sobre punição, sexualidade e monstrosidade, como ponto central, visamos pesquisar como esses discursos se intercambiam e, por meio do suporte que os fazem aparecer, resgatam um acontecimento, isto é, por meio da memória que atravessa os sujeitos, discursos de outras épocas e lugares são identificados e colocados em circulação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Foucault (1987), vivemos em uma sociedade de controle e os mecanismos de poder tem por finalidade inserir os corpos em padrões de utilidade e conformidade segundo uma lógica de funcionamento adequada na sociedade. Desde a idade medieval, a tortura, no bojo do Santo Ofício, instrumentalizou a punição como forma de cativar o respeito e de instituir um controle aos corpos decadentes ou, em todo caso, àqueles que simplesmente desviavam da *vontade de verdade* da época. Esse tipo de atitude suscitou um duplo condicionamento dos corpos: submissão e “docilidade”. Dessa forma, a igreja, como agência mantenedora de um controle da população, por meio da inquisição, por exemplo, abriu vias para que, por meio do flagelo da carne e do suplício dos corpos, se estabelecem elos coercitivos cujo fim é disciplinar a população e reduzir os corpos a total passividade. Nesse sentido, essa tática disciplinar produz sujeitos subordinados, instituindo uma homogeneidade social (cuja proposta é tornar o governo dos corpos mais acessível) cujo propósito é inserir os sujeitos em padrões de servidão e obediência, a partir de uma estratégia que se perfila por meio da violência. Desse modo, a materialidade fílmica de “Escola penal de meninas violentadas”, por meio de alguns encadeamentos de planos e por meio da distribuição dos corpos nos

planos mobiliza, dentre outros, o discurso de um modelo de punição que é (foi) propugnado pela igreja ao longo dos séculos e que, a partir desse padrão punitivo, a exibição e o castigo dos corpos estão associados à decadência e à irregularidade do sujeito. Esses desvios são observados a partir de aventuras sexuais nas quais os sujeitos estão comprometidos e, a partir daí, o exercício de anormalidades ganha entorno. Nesse sentido, o discurso de punição e do descontrole, sustentados por instituições como a igreja e a polícia e atribuído a esses sujeitos desviantes contribui para se pensar em uma memória associada aos modos de subjugação e de correção pelos quais os sujeitos devem passar ao desviarem-se das normas de conduta preteridas pelas referidas instituições e pelo funcionamento adequado de uma sociedade. Com isso, estamos diante da noção de *campo associado*, formulado por Michel Foucault (2008) que consiste em esclarecer como os enunciados são sombras de outros enunciados e, desse modo, como os modos de enunciação trazem em si um reflexo de outros lugares, outras épocas, outros discursos.

CONCLUSÕES

Para Foucault (1988; 2006) é a partir da sexualidade que é possível chegar a um padrão de inteligibilidade do sujeito. Do mesmo modo, ela é responsável por práticas cujas realizações só são possíveis por meio do corpo do monstro, conforme Cohen (2000), abrindo vias, com isso, para a emergência do sujeito monstruoso. Assim, a partir da materialidade examinada, o sexo enquanto objeto de transgressões e anormalidades ventila um discurso de correção dos corpos e de uma educação por meio do flagelo.

REFERÊNCIAS

COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Ética, sexualidade, política**. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006

_____. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.